

1.

Alguém vê,  
*o homem tira folhas de uma gaveta.*

A mulher aguarda que as palavras  
saiam dessa clausura  
e entrem no peito do escultor,  
num buraco desenhado no mármore.

É um escultor marcado por uma aridez  
extrema\_\_\_\_\_.

deitando poemas para fora,  
enquanto as formigas transportam as  
palavras por um carreiro preciso,  
adaptado à sua condição de seres pequenos.

## 2.

E há também um outro homem, nu, que olha para a cidade ao lado de uma nuvem quase branca que contorna a sua própria casa, como se estivesse numa zona ténue do Atlântico, em Essaouira ou mais longe, em Alexandria, numa ilha incapaz de se soltar.

Mas não, alguém lhe diz \_\_\_\_\_,

*vives num banco de cimento.*

E este homem, de costas para o escultor, sabe que a cidade não acorda porque adormeceu debaixo de um manto de veneno. Ela vive a sua doença de um modo sereno, escondendo muito bem a ameaça.

### 3.

O homem sabe também que a morte desce devagar pelas colinas que tapam as ruas, mas não sabe, como o escultor, o momento exacto em que as casas se desmoronam, se deslocam para a morte, tentando ganhar um espaço ainda oculto.

Ouvem,

*olhem o lixo de uma outra forma.*

O escultor que responde,

*A minha geografia morre com a cidade.*

O homem repara no último comboio que atravessa o espaço coberto, por cima da sua cabeça \_\_\_\_\_,

e vêm-lhe à memória as formigas que levam na boca as suas próprias palavras, os pedaços de papel atirados para cima das tábuas, para que sejam elas a roubar-lhe os poemas e a levá-los para um canto, junto ao pó, junto a um corpo velho deitado no mesmo banco de pedra.

#### 4.

Tudo se passa, então, sobre uma praia  
sem areia, uma praia comida pelo vento,  
que se arrasta para a cidade, para a submergir,  
para tapar os mortos.

Porque ninguém sabe ainda, a não ser  
o escultor, que é o ódio que a vai destruir  
e não o tempo. O ódio que se colou aos muros,  
a água barrenta, as sarjetas, os pequenos ossos  
trazidos pelas chuvas.

O sol desaparece aos poucos do olhar do homem,  
deixando atrás de si um risco de suor\_\_\_\_\_.

E ele vê outros homens curvados pelo ruído  
das pedreiras. Já não têm dedos que cheguem  
para amparar os braços. Foram tomados pelo  
seu próprio estado maligno.

## 5.

Há um imenso corredor onde os funcionários depositam os animais mortos.

Um deles, com uma bata, assenta numa pauta os nomes inventados para aquela quantidade excessiva de bichos. Vai-os empurrando, um a um, para dentro de um forno\_\_\_\_\_.

A seguir, dança como se se preparasse para um espectáculo. Só ele e a cidade, fazendo um rodopio com as pernas, lançando um véu sobre uma fila de cadeiras vermelhas.

Mas o homem da bata responde que já viu muitos mortos surgirem do nada, sem rosto, sem identidade. Apenas com uma tabuleta no braço a indicar um extermínio recente.